

Ideología: una breve introducción

Freeden, Michael. *Idelología: una breve introducción*. Santander: Ediciones de la Universidad de Cantabria, 2013. 171 p. ISBN: 978-84-81026-27-6

Marcos Sepúlveda¹

Michael Freeden é professor emérito da Universidade de Oxford, um dos fundadores do *Journal of Political Ideologies* e diretor do *Centre for Political Ideologies* da Universidade de Oxford. Freeden tem nos ensinado a analisar a ideologia de outra forma dando uma nova visão e significado.

Neste sentido, Freeden diferencia entre pensar politicamente e pensar sobre política, como bem ressalta Capellán de Miguel (p. 11). Desse modo, a ideologia deve ser encarada como um estudo multidisciplinar, de forma que se aproxime com a prática política, conforme expõe Fernandez Sebastián (p. 14).

Diante disso, Freeden repassa diversos estudiosos sobre o tema. O primeiro que se destaca é Marx e Engels, através da câmera escura, a qual trata a ideologia como forma de manutenção das situações deploráveis do homem, mas sobretudo da divisão do trabalho através da ocultação da realidade por meio da filosofia (p. 25). Nesse aspecto, a ideologia é entendida como produto cultural de grupos, que é consolidada pelos meios que estes desenvolvem (p. 31).

Posteriormente, Freeden relata as contribuições de Karl Manneim, Antonio Gramsci e Louis Althusser. O primeiro determina que a ideologia é reflexo de todos os processos sociais, culturais e históricos num contexto de interdependência (p. 33). Já o segundo é instrumento para hegemonia de ideias, cultura e valores morais, que de certa forma também se associa a Mosca - quando este estava alinhado ao pensamento gramsciano. Por fim, o último inova ao comparar a ideologia com a superestrutura econômica, na qual a base está a ideologia, fundamento da sociedade, e, posteriormente, as instituições e as leis (p. 47). Logo, para os autores citados, na visão de Freeden, o papel da ideologia é

¹ Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: marcosaraujoba@gmail.com

funcional, constituindo o que será denominado como microanálise. Então, como analisar de forma multidisciplinar?

É nesse ponto a maior contribuição de Freedén. A análise, se feita dessa forma, micro, é incompleta. São necessárias ferramentas que visem uma análise macro da ideologia. De acordo com esse entendimento “*el macroanálisis se obtiene observando las ideologías como tradiciones en el tiempo y el espacio cuyos aspectos imaginados se convierten ellos mismos en parte de la realidad política*” (p. 106). As análises macro e micro não são excludentes, pelo contrário, são complementárias.

Dessarte, Freedén diferencia as ideologias entre macroideologias e microideologias. As primeiras constituem uma rede onicompreensiva, em virtude de oferecer soluções a todas questões políticas (p. 105). Já as segundas possuem uma morfologia restritiva, de modo que não estão conectadas aos contextos mais amplos da sociedade (p. 125).

Desse modo, o estudo da ideologia deve atentar aos princípios de cada ideologia, aprioristicamente, embora uma ideologia possa ter interseção de alguns com outra ideologia. Mas o seu núcleo é inegociável, já a parte periférica é negociável. Neste ponto, as ideologias não são contraditórias, nem excludentes.

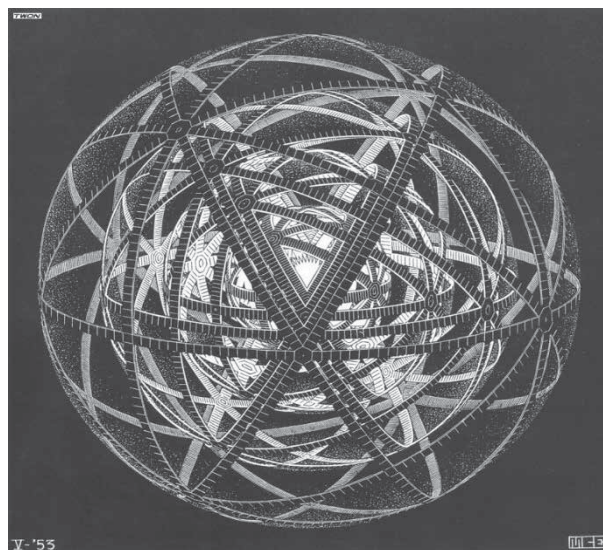
Logo, chega-se a uma conclusão: as ideologias concorrem entre si pelo domínio na sociedade. Mas, quais ideologias? Freedén destaca quatro macroideologias principais: liberalismo, socialismo, conservadorismo e as totalitárias, estas consideradas manifestações excepcionais (p. 120). Nesse ponto é importante compreender que para Freedén há mais ideologias não hegemônicas do que hegemônicas, em contraposição do que preconizava Gramsci *inter alia*. Já entre as microideologias, também denominadas ideologias estreitas, estão o feminismo e nacionalismo, por exemplo. Mas como essas ideologias se relacionam com a prática política e consolidam a macro-análise?

No campo da prática política, os partidos políticos não são autores de ideologias. Dessa maneira, a função dos partidos políticos é de transmitir de forma clara, precisa aos eleitores a ideologia adotada, porém produzida e formulada por outrem. Assim, a ideologia e partido político são conexos como instrumento de retirada do abstrato para prática política, revelando o seu papel social. Já os grupos de pressão e lobby, entre outros, estão localizados mais adequadamente na microideologia. Logo, a ideologia dá vida e sentido para o sistema político.

No entanto, os partidos políticos na formulação de políticas públicas numa

democracia não desejam aguardar por resultados de longo prazo, e, assim se assemelham aos publicitários e marqueteiros que desejam vender e obter resultado o mais rápido possível. Ou seja: a ideologia é um instrumento político por meio do qual o partido alcançará e manter-se-á no poder. Desse modo, a orientação é formular uma política com base numa ideologia que agrade ao eleitor, uma política de votos, tendo em conta que a sociedade é formada pelo pluralismo. Esta formação da sociedade com base no pluralismo recorda aos ensinamentos de Rawls.

Figura 1: Anéis concêntricos de M.C. Escher (apud Freenden, p. 88)



O corolário é que a política não é estática - nunca fora - e a ideologia tampouco. É como anéis concêntricos (figura 1): instrumento dinâmico, de flexibilidade que se relaciona em múltiplos aspectos, nos quais a localização tem grande importância. Por isso as ideologias são adaptáveis de acordo com o tempo e sociedade. Por exemplo, no século XIX a defesa pela inclusão do proletário como eleitor estava mais próxima das correntes marxistas do que das liberais. O destaque é o caso britânico, que com a entrada da classe proletária na cena eleitoral modificou a política britânica, ao transformar o partido liberal de protagonista a coadjuvante, e *pari passu*, surgindo um terceiro partido, o partido trabalhista, que compete até hoje pelo governo com os conservadores. Hoje, essa política, que outrora foi rejeitada pelos liberais ainda que defendesse a liberdade e igualdade de todos perante a lei, é *conditio sine qua non* para o liberalismo. Nota-se que o núcleo inegociável continua o mesmo, o princípio, porém passa a absolver mais formas,

as quais estavam fora dos anéis ou que eram abordadas de forma periféricas, mas, hoje incorporadas como princípio inegociável.

A incorporação de políticas estranhas ao anel da ideologia, como núcleo periférico, também é possível. No entanto, uma questão, que era então ignorada, não salta diretamente para o núcleo inegociável, senão é transformada aos poucos para núcleo periférico, e a depender do caso, em núcleo inegociável da ideologia. A mudança não é abrupta e repentina. Afinal, como bem ressalta Marx (*apud* Freeden, p. 102) “*los hombres hacen su propia historia, pero no la hacen a su libre arbitrio, bajo circunstancia elegida por ellos mismo, sino bajo aquellas circunstancias con que se encuentran directamente, que existen y les han sido legadas por el pasado*”.

Em vista disso, a ideologia traduz as ferramentas para o norteamento das políticas públicas, os princípios a serem adotados numa via de responder quais as políticas públicas devem ser adotadas e de que maneira. Princípios estes que estão localizados no núcleo duro, e, portanto, inegociável para os partidos políticos, e que transformam a abstração para algo concreto e com certa estabilidade e consistência, como bem recorda Fernandez Sebastián (p. 11). Por isso, um problema pode ser visto de diversas perspectivas, com diversas soluções.

Assim, os dados empíricos consolidam uma macroanálise da ideologia. Para isso, Freeden fornece os caminhos ao dar como exemplo a declaração de Adolf Hitler, quando então declarou-se nacional-socialista: a análise empírica é essencial, pois a forma conceitual pode ser insuficiente (p. 103). Para isso, “[...] *en lugar de simplemente afirmar que no es socialismo, lo que necesitamos es una comprobación empírica de las autodefinitiones*” (p. 103).

Como método complementar a esta análise, o discurso e os símbolos também são instrumentos pertinentes, podendo ter grande significado para a ideologia, em especial, as totalitárias. No entanto, para Freeden, caso a análise se restrinja a essas formas, torna-se insuficiente, e, dessa maneira, não reproduzindo de modo coerente e adequada uma análise sobre a ideologia e a política.

Por fim, Freeden resgata a racionalidade instrumental e motivada de Max Weber no estudo na ideologia. Nesse ponto, a parte macro da ideologia é próxima da racionalidade instrumental que visa o meios-fim da ideologia, e, portanto, mensura os custos e benefícios de um partido político ao adotá-la. Por outro lado, as ideologias totalitárias estão mais

próximas da racionalidade motivada e a da intensidade emocional para produzir resultado a qualquer preço, visto que impõe e bloqueia os conceitos políticos por meio da linguagem e da própria ideologia (p. 149).

Portanto, a ideologia não pode ser ignorada nem ser abordada de modo periférico pelos estudiosos da Ciência Política, Ciências Sociais e entre outras áreas de pesquisa. É função essencial para uma análise adequada. Por consequência, não se admite sob nenhuma hipótese uma análise reducionista ou niilista sobre a ideologia. Para Freeden, a ideologia está além das formas negativas e controversas ao adquirir um novo significado, uma nova abordagem, e, de certa maneira, inovadora. Essa é permeada pelo estudo político empírico focando no que a sociedade e o sistema político produzem numa forma de interdependência e holisticamente.

Recebido em 31/01/2018

Aprovado em 10/10/2018